

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

**"LER PARA CRESCER": FORMANDO COMUNIDADES
DE LEITORES**

Antônia Aurélio Pinto¹ (Colégio Presbiteriano de Presidente Prudente)
Marcela Coladello Ferro² (Colégio Presbiteriano de Presidente Prudente)

Nos últimos vinte anos, os debates sobre compreensão leitora e o desenvolvimento de metodologias de ensino e avaliação têm desempenhado papel de destaque no discurso das políticas públicas e da pesquisa na área.

A partir das avaliações internacionais (PISA) e nacionais (SARESP; SAEB), construiu-se o consenso de que a leitura consiste em compreender. A matriz de referência desses exames (com foco em leitura) apresenta um conjunto de descritores de habilidades que atende ao enfoque dado à prova para avaliar um conjunto de procedimentos cognitivos, de capacidades de leitura do estudante" (INEP, 2009, p.14).

O que queremos evidenciar com essa discussão é que essas habilidades de compreensão leitora exigidas na Prova Brasil, por exemplo, ao longo dos primeiros anos do ensino fundamental, não são ensinadas aos alunos. Fato que, além das questões políticas e educacionais mais amplas, coloca o Brasil em 57º lugar no PISA (2009).

Essa condição advém, de certa forma específica, da maneira como o currículo escolar coloca a leitura em plano secundário, subjugada ao ensino gramatical ou à mera distração, passatempo. As habilidades leitoras não são resultado do consumo rápido de textos, de práticas emergenciais (aquelas para realizadas para fazer a prova), de atividades mecânicas, de caráter obrigatório que têm como único efeito compelir, e com projetos de curta duração.

¹ Mestre em Educação, Diretora do Colégio Presbiteriano de Presidente Prudente; Professora Mestre UNIESP- Presidente Prudente

² Mestre em Educação, Professora de Leitura na Biblioteca Escolar "Delci Cavalheiro de Souza Campos"- Colégio Presbiteriano de Presidente Prudente; Professora Mestre UNIESP- Presidente Prudente.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Tal situação particular também nos faz questionar os processos de aprendizagem e o ensino da leitura no currículo escolar.

No documento intitulado *The future of learning Institutions in a digital age*, [O futuro das instituições de aprendizagem na era digital] os autores Cathy N. Davidson e David Theo Goldberg publicaram em 2009 o que chamaram de os Pilares da Pedagogia Institucional, alguns princípios sobre o futuro da aprendizagem. Entre eles institui-se que aprendizagem do futuro configura-se pela descentralização de papéis (professor/aluno); pelos processos de auto-aprendizagem e principalmente pela aprendizagem em rede.

Nesta visão, a aprendizagem é considerada como uma participação, onde os aprendizes se reúnem em comunidades (virtuais) para compartilhar ideias, "compromissados com os projetos um do outro, e os planos, design, implementação, avanço, ou simplesmente discutir juntos as práticas, objetivos ou as ideias". (DAVIDSON e GOLDBERG, 2009, p. 12).

Outro documento importante, *Literacy for all: making a difference* [Letramento para todos: fazendo a diferença], publicado pela UNESCO em 2006, traça como fundamental entender o conceito "*lifelong learning*" [aprendizagem ao longo da vida]. Nessa abordagem, o desenvolvimento intelectual e cultural é edificado pela necessidade de aprender sempre, por meio da construção de uma "comunidade aprendente", para além da escola. Como um conjunto, "a aprendizagem é construída na interação de sujeitos cooperativos que têm objetivos comuns." (Kleiman, 2004, p. 10).

Posto isto, podemos pensar a escola como um espaço de *aprendizagens*, organizado e pensado para aprender por meio de diferentes vivências. Trata-se de processos de aprendizagem a partir da interação com o outro, seja o outro presente ou virtual.

Neste texto, trataremos especificamente da aprendizagem leitora, colocando os processos de ensino/aprendizagem leitora compartilhadas com uma visão mais participativa dos sujeitos envolvidos (tanto professor, quanto alunos), na construção

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

teórica/prática das seguintes definições: *Ler é compreender; A aprendizagem significativa em pequenos grupos;*

Nesse contexto, iremos apresentar uma proposta de trabalho realizada na biblioteca escolar, enquanto um espaço para gestão da leitura na escola. Isso significa entender a leitura como parte fundante do currículo e o desenvolvimento de habilidades leitoras como objetivo central da escola. Dessa forma, apresentaremos o Programa de Leitura "Ler para crescer", promovendo a leitura na escola de maneira integradora e interdisciplinar para a formação de comunidades de leitores.

1. PROGRAMA DE LEITURA "LER PARA CRESCER"

A biblioteca escolar "Delci Cavalheiro de Souza" do Colégio Presbiteriano de Presidente Prudente/SP, Brasil, em fevereiro de 2013, implementou um programa de leitura, intitulado: "Ler para crescer". Esse programa organiza uma série de projetos que ocorrem semanalmente na biblioteca, atendendo todos os alunos da escola, com serviços de organização da informação e empréstimos; tendo-se como proposta central do currículo a formação do leitor. Os projetos e os serviços constituem-se de forma integrada, como suporte para o leitor competente, aquele que compreende o que lê, desenvolvendo um conjunto de conhecimentos e habilidades específicas do leitor.

A proposta de dinamizar a biblioteca decorre da necessidade de transformar um espaço sem uso efetivo, para um espaço que circule livros e leitores, para a construção e apropriação do conhecimento. Essa mudança de perspectiva se deu, a partir da orientação de alguns princípios norteadores:

- a diversidade de objetivos de leitura, de textos e de formas de ler;
- a promoção da criatividade nas atividades de leitura e escrita;
- questionamento e acompanhamento do crescimento enquanto leitor;

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

- garantir a leitura compartilhada entre as salas;
- produzir materiais como suporte pedagógico, tais como guias;
- trabalhar a diversidade de habilidades orais, leitoras e escritoras;

A leitura praticada dessa forma e circunscrita por esses princípios, concerne com as propostas pedagógicas da escola. Isso significa, articular ações na expectativa de estender o que se aprende no espaço da biblioteca para o espaço fora e dentro da escola. Acredita-se que o pensamento do leitor deva ser colocado em uma discussão coletiva, para que possa desenvolver o pensamento crítico/reflexivo. Observa-se, ainda que o trabalho em grupo possa estabelecer-se em comunidades leitoras.

Quando propõe-se pensar o processo de aprendizagem leitora a partir do binômio: teoria e prática, tem-se visto que embora as pesquisas apontem e sustentam novas formas de entender esses processos, as práticas escolares ainda permanecem na condição de um ensino mecânico e pouco significativo.

Postas essas questões, nos interessa a possibilidade de novas práticas educativas. Neste caso, que a elaboração de um programa de leitura integrado permita a construção de significados para o letramento. Interessa principalmente saber se um programa de leitura que sistematize o ensino, a partir dos princípios da construção coletivo do significados do texto, da documentação da aprendizagem, do ensino e aprendizagem de estratégias de leitura possa contribuir para a formação do leitor.

Os projetos realizados na escola, integram essas perspectivas e se constroem de maneira a desenvolver de forma criativa e crítica: a oralidade, a leitura e a escrita; a saber, nesse conjunto, desenvolvemos os seguintes para cada faixa-etária um projeto específico: **Maternal I e II:** *Trem da leitura: todos a bordo!*; **Jardim:** *Alfabeto de histórias*; **Pré:** *Pequenos exploradores - descobrindo a biblioteca*; **1ano:** *Pequenos leitores*; **2ano:** *Roda de leitura - diálogos entre textos*; **3ano:** *Clube da leitura de Roald Dahl*; **4 e 5 ano:** *Jornal Xereta*.

Trata-se de promover a leitura de forma mais efetiva e significativa, tirando a dos "cantinhos pedagógicos" e as deslocando para o centro da escola: a biblioteca. Além

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

disso, o espaço da biblioteca dá suporte para as práticas do projeto, disponibilizando materiais para a escrita criativa, jornais com o tema leitura, atividades de artes e exposições de diferentes temas e campanhas.

Considerada dessa maneira, a leitura na biblioteca escolar, ganha significado, e o leitor se identifica com um espaço, tomado como seu e tornando-se necessário para o mundo do leitor.

Os projetos desenvolvidos na biblioteca escolar, inserem-se nesse âmbito e são dirigidos a partir da concepção inscrita nesse trabalho, de leitor e de leitura. E ainda, a partir, da defesa da ideia que é preciso mais do que apenas disponibilizar materiais de leitura ou projetos de incentivo. Se torna necessário, para a dinamização desse espaço, tornar o livro um assunto entre as crianças e um objeto desejável.

Tornar o livro um assunto, significa partilhar leituras, crescer enquanto leitor e ampliar e enriquecer o seu repertório, tendo a biblioteca, uma porta de entrada para compreender e entender o mundo que nos cerca.

Ancorada nesse pressuposto, a leitura é tematizada como prioridade da ação educativa, desde que se coloque na relação escolarização/desenvolvimento, sendo considerada como um processo desencadeador do conhecimento. Tal relação dialética e dialógica envolve alunos e professores em atividades autênticas e significativas, como sujeitos de sua própria leitura e escrita. A escola é o *locus* do ensino de uma leitura sistematizada. É nessa posição conceitual que a leitura deve ser considerada e entendida na perspectiva do letramento.

Com isso, neste trabalho empreendemos esforços para discutir uma nova perspectiva para a biblioteca escolar, enquanto gestora do conhecimento produzido e apropriado na escola, tendo como foco as possibilidades de torná-la central na construção de *comunidades leitoras*.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

**2. COMUNIDADES DE LEITORES E A COMPREENSÃO
LEITORA NA ESCOLA**

No Brasil, mesmo diante da ampliação de pesquisas na área da leitura e o fomento de políticas públicas, tem-se ainda no cotidiano escolar, pouca clareza sobre o ensino da leitura, pois não se tem perfeitamente definida uma postura que se pretenda adotar, o que de certa forma revela a incerteza para onde pretende-se ir (ou chegar) na formação do leitor, principalmente, quando se trata da formação inicial dos leitores, que permeiam entre os processos de alfabetização e o letramento.

A essa questão soma-se a falta de clareza que permite distinguir as características específicas e as convenções da escrita e da fala, de maneira que forma um conjunto dispare, uma vez que a formação do leitor é concebida sem a leitura, por meio da narração oral ou apenas da leitura do professor. Nesse caso, o único acesso do leitor à leitura está fora do seu campo visual, apenas se dá por meio do ato de ouvir. Em outros casos, o professor impõe o seu próprio interesse na leitura, em geral o de ensinar algo, e elabora atividades mecânicas e pouco significativas.

Neste processo de questionamento, tem-se a necessidade de tratar conjuntamente o assunto, e sugerir a articulação coerente entre o conceito de leitura e o seu tratamento didático.

A competência em ler, de compreender, portanto, requer uma formação nos quais duas condições estão intrinsecamente envolvidas: 1) o acesso a materiais diversificados e a leituras diversificadas; 2) o ensino da compreensão leitora. "Ensinar as crianças a compreender significa mostrar como construir significados quando eles lêem. Instrução da estratégia é tudo sobre ensinar o leitor não meramente a leitura". (HARVEY e GOUDVINS, 2007, p. 31)

As habilidades de leitura são desenvolvidas, não com a quantidade de textos, mas com a qualidade dos textos e das experiências de leitura. Depois do consumo intenso e profundo, sem pressa, o leitor pode tornar a sua leitura mais apurada, mais

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

requintada e aprimorar seus conhecimentos. Esse movimento do leitor exige uma avaliação formativa, entre observar o *ser/leitor* e o *potencial/leitor*, com atividades que cada vez mais possibilitam uma ação do leitor, o seu engajamento, articulando os objetivos pessoais com os coletivos da escola e do professor. Trata-se de sujeitos que compartilham suas leituras para melhor compreender o que mundo que os cerca.

Essas experiências de leitura devem fazer parte da infância, em um movimento cíclico, retroalimentativo, que possibilite ao mesmo tempo a produtividade (daquilo que advém do consumo da leitura) e o prazer, o gosto.

Para formar o leitor competente, não só habilitado para submeter-se a avaliações com tranquilidade, mas também para compreender o que lê, a questão prioritária é a sistematização do ensino da leitura, além do que é preciso para melhorar as condições de ensino/aprendizagem nas escolas brasileiras.

Se considerarmos as décadas passadas, veremos que o espaço da leitura na escola e na comunidade se amplia, o que, de certa forma, democratiza o acesso à leitura. Se construímos a ideia de que ler é compreender, tem-se como objetivo principal que as crianças aprendam a compreender o que leem. Novamente, a aparência revela o óbvio, mas, diante da fundamentação teórica adotada, consideramos que ensinar a compreender é uma tarefa que exige mais do que incentivar "Rodas de leitura", "Hora do Conto", leitura em voz alta, etc; na verdade,

‘não se forma um leitor com uma ou duas cirandas e nem com uma ou duas sacolas de livros, se as condições sociais e escolares, subjacentes à leitura, não forem consideradas e transformadas’. <grifo do autor>
(SILVA, 1998, p.XI)

É claro que essas atividades promovem o acesso ao livro e consolidam "historicamente" a importância da leitura na escola; no entanto, é preciso ensinar a compreensão, o que significa focalizar o ensino para o desenvolvimento de uma série de habilidades de leitura, bem como de estratégias que o leitor utiliza para compreender o texto.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Ao adotar a concepção de que ler é compreender, e que para compreender o leitor utiliza as estratégias de leitura, é preciso ensinar-lhe a utilizar essa "ferramenta" ou esses procedimentos que podem conduzi-lo ao entendimento profundo do texto.

É preciso discutir ainda, a construção dos princípios didáticos para o ensino da leitura que fundamentam o programa de leitura proposto, que se baseiam em ideias gerais dos processos de aprendizagem e direcionam uma posição sobre a formação do leitor, ou seja, diante do leitor que se pretende formar. Além disso, o princípio didático da diversidade textual amplia-se para a combinação de textos em um diálogo intertextual.

O pesquisador Ezequiel Theodoro da Silva (1998), na composição da *Pedagogia da leitura*, divulga outras possibilidades de trabalhar a leitura na escola, onde pode ser transformada em um tema central do currículo. Nessa proposta, além de delinear atividades de interesses de leitura, o autor enfatiza a leitura compreensiva/significativa. "*É importante que as crianças discutam e assumam os propósitos para diferentes tipos de leitura, e que todos eles tenham como base a compreensão (maior ou menor) do texto.*" (SILVA, 1998, p. 106) <grifo do autor>.

Isabel Solé (1998) expõe a construção de um modelo de ensino das estratégias em três momentos: antes, durante e depois da leitura e postula estratégias para cada um desses períodos. Ocupa-se das seguintes estratégias:

- As que permitem que nos dotemos de objetivos de leitura e atualizemos os conhecimentos prévios relevantes (prévias à leitura/durante ela) (...);
- As que permitem estabelecer inferências de diferente tipo, rever e comprovar a própria compreensão enquanto se lê e tomar decisões adequadas ante erros ou falhas na compreensão (durante a leitura) (...);
- As dirigidas a recapitular o conteúdo, a resumi-lo e a ampliar o conhecimento que se obteve mediante a leitura (durante a leitura/depois dela); (SOLÉ, 1998, p. 74)

Para a autora, essa organização permite enfatizar a ideia de que o ensino das estratégias ocorre em todos os momentos (antes, durante e depois) e de que a

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

compreensão não se dá apenas após a leitura do texto, como, por exemplo, são organizadas muitas atividades didáticas sobre a "interpretação do texto".

Ao expor neste trabalho o enfoque geral das teorias de compreensão, a respeito dos bons leitores. Optamos por discutir a proposta de ensino de acordo com um grupo que organiza a compreensão leitora a partir da aprendizagem em pequenos grupos, e o ensino de estratégias de leitura, e que equivale a ensinar cada estratégia de compreensão em momentos específicos. Não se trata de um ensino de habilidades isoladas, mas contextualizadas, que formam um conjunto de habilidades leitoras. Como alerta Solé (1998), não se trata de uma técnica, o que se pretende com o ensino das estratégias é que as crianças saibam utilizá-las de forma adequada para compreender o texto, não construam amplos repertórios de estratégias.

Os pesquisadores Pearson (1978), Anderson (2010), Harvey e Goudvins (2007) e Zimmermann e Keene (1997) consideram que é preciso ensinar um conjunto de estratégias, organizadas em uma estrutura que trata o objeto (leitura) de maneiras diferentes. Identificamos nesse grupo de ensino, o conjunto de seis estratégias básicas para a formação do leitor competente, a saber: Conexão, Visualização, Questões ao texto, Inferência, Sumarização e Síntese. Assim, trataremos da escrita dos descritores pertinentes para o ensino de cada estratégia de compreensão leitora.

Tais pressupostos metodológicos para ensino da compreensão que aqui apresentamos referem-se ao que dá suporte para o ensino da compreensão leitora. Um ensino que promova a qualidade da instrução em leitura e da aprendizagem, um processo em que professor e aluno colaboram entre si, utilizando uma linguagem em comum, as estratégias de leitura.

Neste contexto, "potencializar" as experiências em leitura dos alunos é um desafio complexo, e não uma tarefa apenas para o professor. Solé (1998) partilha as ideias da concepção construtivista do ensino e aprendizagem escolar e situa três ideias que considera adequadas para explicar as estratégias de leitura como um possível ensino da compreensão. Trata-se basicamente das ideias sobre uma situação educativa, um processo de construção conjunta; nele, o professor exerce uma função de guia e os

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

processos de aprendizagem por andaimes. Isto é, as situações de ensino/aprendizagem articuladas em torno das estratégias são entendidas como:

processos de construção conjunta, nos quais se estabelece uma prática guiada através da qual o professor proporciona aos alunos os "andaimes" necessários para que possam dominar progressivamente essas estratégias e utilizá-las depois da retirada das ajudas iniciais. Diversas propostas teórico/práticas orientam-se neste sentido ou em um sentido similar. (SOLÉ, 1998, p.76)

Essas aproximações propostas por Solé revelam os componentes de uma abordagem da instrução da compreensão. A autora cita como exemplo o trabalho de Collins e Smith (1980), que propõe o ensino das estratégias de leitura em 3 etapas: O modelo, a participação do aluno e a leitura silenciosa.

O modelo para o ensino proposto por Collins e Smith respeita os princípios antes assinalados para caracterizar uma situação de instrução da compreensão leitora. No mesmo se afirma que, como em qualquer conteúdo acadêmico, o domínio das estratégias de compreensão leitora requer progressivamente menor controle por parte do professor e maior controle do aluno (SOLÉ, 1998, p.77)

Nesse modelo, professores movem-se de uma situação em que assumem toda a responsabilidade da tarefa, para uma situação em que os alunos se compartilham essa responsabilidade (da construção ativa do conhecimento). Com isso, verificamos que o aluno tem um papel ativo nos processos de aprendizagem, em um ensino recíproco, que envolve a gradual liberação de responsabilidade; ou seja, a tarefa de compreender um texto se alterna entre professor e aluno, uma em resposta à outra, que vai progressivamente se tornando apenas uma responsabilidade do aluno. O que acontece antes, durante e depois da leitura deve ser controlado pelo próprio aluno e não pelo professor.

Ao longo das cinco fases, é importante que nem o professor nem os alunos percam de vista a necessidade de coordenar ou orquestrar as

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

estratégias de compreensão. As estratégias não devem ser usadas isoladamente, bons leitores não lêem um livro só para fazer previsões. Pelo contrário, bons leitores utilizam estratégias múltiplas constantemente. Embora o modelo acima destaque uma estratégia particular em um determinado momento, outras estratégias também devem ser referenciadas, modeladas, e encorajadas durante todo o processo. (PEARSON e DUKE, 2002, p. 4)

A disposição dos elementos essenciais que compoem essa prática de ensino tem o objetivo de mostrar as crianças como ler e oferecer um tempo necessário de práticas de leitura em grupo. Dessa forma, constrói-se comunidades de leitores que compartilham a sua leitura e constroem um significado coletivo do texto.

O processo de modelar traz à tona a necessidade de um modelo de leitor, no caso, o professor. É claro que esse modelo também é compartilhado entre os alunos. O professor, é considerado como um "guia", explica a estratégia e modela o seu uso efetivo para entender o texto. Para isso pensa em voz alta quando lê, para mostrar (explicitar) os pensamentos e o uso das estratégias. Tendo um modelo, a prática guiada foca na discussão em grupo, em que professor e alunos praticam as estratégias juntos em um contexto de leitura partilhada. Neste caso, o papel do professor é imprescindível, pois faz com que os alunos pensem suas próprias leituras e sustentem seus pensamentos a partir de argumentos plausíveis para a construção do significado do texto. E ainda, o professor dá *feedbacks* a respeito dessa construção, questionando os alunos para verificar se entenderam as tarefas.

A prática colaborativa se constitui no partilhar dos processos de pensamento e ideias entre os alunos em diferentes momentos de leitura, como aponta Solé (antes, durante e depois), ou em pares ou em conversas em pequenos grupos, ou seja, os alunos têm disponível um tempo para partilhar ideias, de forma que colabore com a construção de sentido do outro. Isso porque a leitura, ou melhor, o ensino da leitura, não está focado apenas na figura do professor, embora ele guie seus alunos.

Ainda, mesmo em grupo, tem-se a prática independente, os alunos praticam as estratégias sozinhos e recebem *feedbacks* do professor e dos outros alunos.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Para aplicar as estratégias em uma situação autêntica de leitura, os alunos usam as estratégias em uma variedade de diferentes gêneros, lugares, contextos e disciplinas (Fielding e Pearson 1994; adaptado por Harvey e Goudvis em 2005a). O professor se move de grupo em grupo avaliando e respondendo às necessidades dos alunos

Com isso, a estrutura modular em oficinas prevê uma aula Introdutória, a prática guiada, e a Leitura independente em grupos, formando a comunidade de leitores. O que propomos até agora é pensar a escola como um espaço possível para atividades que desenvolvem um conteúdo específico: as habilidades leitoras.

Esse conjunto integrado de práticas de compreensão leitora oferece aos alunos a vantagem de compreender melhor o texto e aplicar as estratégias adequadas para resolver os problemas do processamento textual. Mas é preciso ter cuidado quanto à estrutura do ensino direto das estratégias de leitura, visto que o ensino isolado das estratégias, e/ou ainda, o uso do texto apenas para ensinar as estratégias de leitura, pode(m) incorrer em velhas práticas, como o uso do texto apenas para ensinar gramática.

Ao verificarmos essa estrutura de ensino, temos que levar em conta o princípio fundamental de autonomia frente às leituras na escola e propor atividades que promovam o engajamento do leitor. Tem-se como objetivo, para fundamentar esta discussão, apresentar um projeto, em andamento, intitulado "Por uma escola de leitores", inserido em no programa de leitura "Ler para crescer" da biblioteca escolar "Delci Cavalheiro de Souza" do Colégio Presbiteriano de Presidente Prudente/SP, Brasil.

Essa propositura decorre da necessidade de dinamizar o espaço disponível, tratando de implantar e qualificar, não apenas os serviços técnicos (como organização do acervo e empréstimos) e pedagógicos, para o uso efetivo da biblioteca. Considerando que a biblioteca é o principal espaço destinado a leitura e deve oferecer além da organização do material, suporte para a formação de leitores.

Coloca-se em análise uma série de práticas de leitura realizadas na biblioteca escolar, que visam atender alunos, da Educação Infantil e do Ensino Básico.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Trata-se de organizar o ensino da leitura, iniciado na biblioteca e estendido na sala de aula e na vida das crianças. Ao transformar o espaço disponível da biblioteca, do simples depósito de antigas enciclopédias, para um ambiente letrado, percebe-se a mudança na construção dessa identidade leitora. O espaço pertencer ao leitor, não somente ao bibliotecário ou ao professor, é um passo importante para a formação do leitor.

Constrói-se um ambiente em que se torna possível acompanhar o crescimento do leitor, das primeiras leituras à construção de um repertório rico e diversificado. Isso significa, ter a biblioteca da escola como um espaço de criação, de leitura e escrita, de compreensão, de criatividade, de compartilhamento e construção do conhecimento.

Com isso, apresentaremos neste texto, os princípios pedagógicos de um programa específico de leitura na escola, particularmente na biblioteca escolar e alguns práticas realizadas, que embora, se tenha pouco investimento (material) apresenta resultados significativos na vida do leitor e para a construção de uma comunidade leitora.

REFERÊNCIAS

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 6. ed. Campinas: Pontes, 1999.

_____. **Oficinas de leitura: teoria e prática**. 10. ed. Campinas: Pontes, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Processos de compreensão - Parte III**. In: Produção textual, análise de gêneros e compreensão São Paulo: Parábola Editorial, 2008

CIERA; National Institute for literacy; **Put reading first - Kindergarten through grade 3: the research building blocks for teaching children to read**, 3rd edition 2003
Disponível em: <<http://www.nationalreadingpanel.org/publications/researchread.htm>>
Acesso em: 15/06/11

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

COLOMER, Teresa; CAMPS, Anna. **Ensinar a ler, ensinar a compreender.** Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

DUKE, Neil K.; PEARSON, P. David. Effective practices for developing reading comprehension. In: **What Research Has to Say About Reading, Third Edition.** International Reading Association, 1992.

KAMIL, Michael L. [et.al]. **Handbook of reading research.** vol. IV. New York, Routledge, 2011.

KEENE, Ellin Oliver; ZIMMERMANN, Susan. **Mosaic of thought:** teaching comprehension in a reader's workshop. Portsmouth: Heinemann, 1997.

SILVA, Ezequiel T. **Elementos de pedagogia da leitura.** 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (Texto e linguagem).

_____. **O ato de ler:** fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 10ed. São Paulo: Cortez, 2005

SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura:** uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler. 2ª reimpressão. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.